

A pastelaria eólica de FHH

O discurso de FHH aos estagiários da Escola Superior de Guerra foi uma das piores peças produzidas pelo professor Cardoso. Revelou-se desconexo, desorientado. Essas características estão num só parágrafo, de trinta palavras:

“Se bem que a democracia implique a compreensão do outro, em certos graus de tolerância, devo dizer que, no meu caso, a minha tolerância chegou ao limite. Chegou ao limite”.

O que implica na compreensão do outro é a convivência humana, quer no matrimônio, quer num assento de ônibus. Democracia não tem nada a ver com isso. Um cidadão pode ter passado os últimos cinco anos sem compreender (em qualquer sentido) o populismo cambial do Governo e, ainda assim, ter-se mantido dentro das normas exigidas pelo regime democrático.

Tolerância também não tem nada a ver com democracia. Pode-se ser tolerante e ditador (o marechal Castello Branco) assim como se pode ser intolerante e democrata (a bancada republicana que defendia o impedimento do presidente Bill Clinton).

Ademais, no caso de FHH, é o caso de se perguntar: tolerância com o quê? Com quem?

Sabe-se que ele não gosta do que julga ser uma mania do brasileiro, aposentar-se cedo. (Requeru os proventos integrais de sua aposentadoria aos 49 anos.) De fato, imagine-se um cidadão que, aos 55 anos, chegou a acumular duas aposentadorias, embolsando R\$ 2.930 por mês. Conseguiu a primeira boca rica aos 44, depois de 12 anos de serviço. A segunda, com seis. FHH acaba de nomear esse símbolo de modernidade previdenciária (o ex-senador Guilherme Palmeira) para uma vaga no Tribunal de Contas da União. Pode-se orgulhar de ter conseguido um posto de trabalho para um desempregado pela vontade do povo alagoano, que lhe negou a eleição.

Tolerante, FHH é. Sem dúvida. Nove fora a indicação de Palmeira, essa é uma de suas virtudes. Mesmo admitindo-se que tenha chegado ao limite de sua tolerância, vai fazer o quê? Não vai fazer nada, porque as 30 palavras de seu parágrafo eram um exercício de pastelaria eólica, também conhecida como pastel de vento. Como diria o Fernando Henrique Cardoso, foi um “bufo”, sem ter chegado a “arreganho”.

Noutro trecho, seu discurso sugere a necessidade de se benzer o Alvorada. Por lá ficou a alma de algum dos generais da ditadura e ela anda soprando tolices a FHH. Ele disse o seguinte:

“A crítica sempre é possível, mas não a contestação que diz respeito à não-cooperação daqueles que estão na obrigação ou moral, porque são aliados, ou institucional,

porque são parte do Estado, de levar adiante os projetos de transformação do Brasil.”

Afora o vaivém, embaralhou novamente os conceitos. Misturou crítica e contestação. Para uma geração de brasileiros, esse coquetel é amargo. Os generais da ditadura tinham o hábito de dizer que aceitavam a crítica, mas não aceitavam contestação. Como se atribuíam a capacidade de definir, ao sabor de seus humores, o que era contestação, estavam dizendo outra coisa: só se pode criticar o que eu acho que se pode criticar.

Na sua formulação tucana, o ataque à contestação nada tem de autoritário. Pelo contrário, é um colapso lógico da própria falta de apetite para o exercício da autoridade. O que FHH está dizendo é que não admite a contestação (seja isso o que for) dos aliados ou dos servidores públicos no exercício de cargos de sua confiança. E quem foi que disse o contrário? As trapalhadas, fracassos e contestações havidas em seu Governo foram obra das pessoas que resolveu ter por companheiros de jornada. Problema seu. Se há alguém contestando-o, ponha-o na rua.

Finalmente, FHH referiu-se ao MST e à sua “agitação política, sabe Deus com que propósito”, pedindo que não se confunda “o legítimo direito de obter terra e trabalho com a permanente perturbação da ordem pública.”

Depois de Fernando Henrique Cardoso, a pessoa que FHH mais cita é Deus. Tem com ele uma relação especial. Às vezes, como os mortais, usa-o como interjeição (“Meu Deus, o que os sindicatos estão fazendo?”). Em outras ocasiões, arrola-o como testemunha de sua passagem pelo mundo dos vivos (“Só Deus sabe a ginástica que faço no plano mundial”). Quase sempre, como responsável de última instância: Queda dos juro? “Só Deus sabe”.

Blecaute no Rio? “O problema não é de privatização. O problema é de eficiência na questão, de relacionamento mais adequado com a população e de pedir a Deus para que o verão seja menos forte.”

Dificuldades na safra? Durante a estiagem diz que “este problema é com o ministro, é com Deus, depende um pouco das chuvas.” Na boa colheita, muda: “A agricultura depende da ação do Governo e de Deus. Aqui ele tem ajudado, tem chovido. Mas o fato é que nós organizamos a agricultura.”

O problema do discurso aos estagiários da ESG, como o do próprio Governo é um só. FHH tem uma imensa confiança na sua capacidade de convencer as pessoas. Para que, não sabe direito.

